

ESTAFETA

PERIODICO IMPARCIAL

Proprietario e principal Redactor—José Pereira Lopes.

ANNO I

E. UNIDOS
DO
BRASIL

ASSIGNATURAS
Por anno:
Capital 8\$000
Interior 10\$000

THEREZINA, 11 de Dezembro de 1898

REDACÇÃO E
OFFICINAS:
Praça de Uru-
guayana n.º 17.

ESTADO
DO
PIAUHY

NUMERO 57

Redactores—Drs. Lautilino Baptista e Abdias Neves.

CHRONICA

Pediram-me a publicação do seguinte

BILHETE

Meu caro sr. Bruno Ruiz.

Não admire-se de vir eu dirigir-lhe este mal alinhavado bilhete. Se o faço é porque muita sympathia inspirou-me o nome que subscreveu a *Carta aberta* publicada na *Chronica do Estafeta* ultimo, em primeiro lugar, depois porque não pude engulir certas pilulas que V. manipulou ali.

Obscuro frequentador dos bailes de nossa terra, porem acerrimo observador da ordem que reina em qualquer d'elles, posso tambem dizer qualquer cousinha a respeito.

Disse V., meu querido Bruno, que ultimamente tem apparecido nos *soirées* dançantes uma nova especie de pares, isto é, uns meninos de 3 a 4 1/2 palmos de altura que atacam-se a «uma moça e executam á americana como qualquer cidadão emancipado».

V. não ignora que ha muito só temos tido modestas *soirées* em que não reina nem deve reinar essa etiqueta severa da cazaca e do clak inherente aos grandes bailes.

Tambem não ignora que na maioria d'essas *soirées* apparecem mais *demoiselles* que *cidadãos emancipados*, e outro sim, que para dançar não ha lei que marque a idade de 21 annos.

Pois bem: si em um baile onde as moças são em maior numero que os *cidadãos emancipados* (lembro que nem todos os emancipados dançam) alguns meninos, com vocações choreographicas fazem a sua figura na *espanque & commettent* algum acto ridiculo?

Parece-me já estar a ouvir-o dizer: não! pois outra não pode ser sua resposta.

O tamanho que deu é ainda inferior ao verdadeiro, pelo que tive occasião de verificar.

Fallou V. em decepções, não disse porém se lhe foram causadas por esses *bébês* bailadores; creio que não o foram.

Sem pretender molestalo, acho que se V. tem experimentado-as é porque talvez em algumas contranças emprega costumes adquiridos em outras terras (presumo que tenha viajado) e com os quaes as *demoiselles therezinenses* não se accommodam.

Talvez engane-me; mas a minha opinião é que as moças que frequentam nossos bailes são incapazes de regerem *um par emancipado* para dançar com um menino que tenha 3 a 4 1/2 palmos de comprimento (quiz escrever de altura) muito especialmente comsigo!

Desculpe a audaciosa *cateação* do seu admirador

Bento de Mosledic.

Animada por demais tem passado a festa que realisa-se em casa do sr. capitão João Costa; muito brilhante, esplendida mesmo foi a de hontem.

Como que n'um sonho cor de rosa foram aquelles que assistiram-n'a transportados ao céu, a um convivio intimo com os deuses e os anjos, mas a um céu alacre e festivo, cantante como um dia azul de primavera! Parabens aos promotores dos festejos de sabbado!

O *sereno* na pontissima, escrevo pesaroso, mas, disposto a registrar mais essa *liberdade* do nosso meio.

Quem falla aqui n'este momento, tem por varias vezes presenciado scenas

vergonhosas, attentatorias ao pudor, praticadas cynicamente por individuos da ultima camada social nas janellas e portas de casas onde realisam-se reuniões, sem nenhum respeito às familias, que tem de fazer a *vista grossa* ou de *ensurdecer* repentinamente, afim de ostentar ignorância do facto longamente festejado pelas gargalhadas hilariantes dos vadios e vagabundos.

Vós, pais, deveis ser mais previdentes; vós mães, não vos exponhais, não exponhais as vossas filhas a esses ataques a delicadesa dos seus sentimentos puros de mulher.

O *sereno* é uma indecencia que importa eliminar!

Acabam de formar-se em Pernambuco, os nossos patricios Flaviano Baptista, Miguel Rosa, Helvidio Martins, Manoel Abreu e Heitor C. Branco.

Minhas saudações á essa distinctissima pleiade, a cada um desses que prazenteiro mencionei, meus cumprimentos.

Correu sem animação o spectaculo de domingo ultimo. A sra. Filomena debutou bem.

Faço ponto final aqui gentilissima leitora; não leves á mal as observações expendidas por quem ainda uma vez assigna-se teu respeitador

Cirano de Bergerac.

Escrinio Litterario

Meu caro dr. Abdias Neves.

Não foi sem um pouquinho de curiosidade que aguardei a sua resposta, previamente annunciada e prometida á minha resposta. E' que V., talvez para armar ao effeito, fez-se preceder de attractante «reclame», como praticam os grandes jornaes quando têm de iniciar a publicação de algum romance sensacional.

—Pela leitura do seu segundo «bilhete», vi, com grande pesar, que V. magou-se com a minha inoffensiva e despretenciosa resposta e, com maior pesar ainda, deprehendi que procurou arrastar a questão para o terreno escoregiado do ridiculo e dos dicterios licenciosos. Peço-lhe permissão para deixar de acompanhá-lo nesse terreno, porque, antes de tudo, é preciso que eu declare que não tenho embocadura para «clown».

Tinha mesmo resolvido não voltar á carga e dar por findo o incidente, mas não pude resistir ao desejo de apreciar alguns topicos de sua espirituosa resposta. Peço-lhe, pois, que revista-se da necessaria calma e prepare-se para aturar-me por alguns minutos, na certeza de que terei muito em vista a divisa de Socrates, que serve de chave de ouro ao seu «bilhete».

Acho que o meu caro amigo não foi muito feliz na escolha da lenda com que abriu a sua resposta. Outro tanto não lhe diria si, em lugar daquela lenda, procurasse nos «contos Populares» de Sylvio Romero a historia do cágado que foi á festa no céu. Há apenas uma differença para o caso vertente.—é que V. quiz que eu fizesse o papel da garça, convidando me para acompanhá-lo, mas, desenganado com a minha formal recusa, emprehendeu sosinho a escabrosa jornada... Tocou «per accidens» nessa parte da sua resposta, não pelo gosto de chasqueal-o ou de retaliar facedias, mas simplesmente por deferencia á sua pessoa e para que V. não pense que as suas troças me «encabulam».

A' guisa de censura e de chaçotá (a sua «verve» é inexaurível!) affirma V. que «muito despretenciosamente» escreveu-me um «bilhete», no louvavel intuito de dar-me alguns conselhos, e que eu, depois de uma longuissima incubação de quasi um mez, vim trazer-lhe o parto da montanha, tendo perdido completamente a calma e procurado talvez e captar-me pela porta baixa da graça etc. etc.

Respondo-lhe por partes. Creio que não lhe é desconhecido o velho proverbio arabe ou chinês:—conselho, fogo e agua só se dão a quem pede. Não obstante estar convencidissimo da verdade desse pro-

verbo, acceito com satisfação os conselhos de qualquer amigo, desde que esses conselhos sejam dados em termos. Comnosco, porem, o caso muda muito de figura. Todos sabem o tom emphatico e pretençioso em que V. provocou esta discussão, verberando acremente os meus versos e procurando fazer espirito á minha custa.

Bem vê que não podia deixar de revoltar-me contra os seus «amáveis» conselhos, maximé tendo a meu lado—inteira e indefectivel rasão. Eu sabia que, desde que não me apresentasse a fazer-lhe zunbais e a submeter-me aos seus «dogmas», teria de incorrer na sua animadversão mas tenho a espinha dorsal pouco flexivel para curvaturas carnavalescas. E' questão de temperamento.

Vejamos pois se a «incubação» foi demorada, como lhe pareceu.

Pela tabella de expedição das malas postaes para o interior, poderá verificar que temos correio aqui somente tres vezes por mez. Acresce que a partida dos pedestres quasi nunca coincide com a sahida dos jornaes, que ficam aguardando oportunidade, de sorte que ás vezes chegamos depois de dez e quinze dias. Augmente igual demora para a correspondencia que sae da qui—e terá encontrado o «x» da questão.

Ou queria o meu amigo que eu lhe respondesse por telegramma? Agora mesmo verifica-se aquelle caso com o seu artigo que ora respondo. O jornal sahiu ahi no dia 15 e foi recebido aqui hontem (25) portanto é indispensavel uma pequena «incubação» para aproveitar a volta do correio ou algum portador particular. Bem vê que não posso imitar os seus milagres de «parto sem gestação»...

Lembre-se, porem, que está infringindo as leis da biologia e que esses partos prematuros podem ter consequencias fataes.

Podia deixar passar despercebida a «graçola» que tanto susceptibilisou-o, mas não quero que leve essa omisão á conta de desconsideração á sua pessoa. Declaro-lhe que não tenho nada de «engraçado», mas ha momentos em que por mais que morde o beijo e comprima as ilhargas, lá escapole uma guinada de riso. «Ridendo castigat mores».

Foi o que succedeu-me com a leitura do seu primeiro «bilhete» ao admirar-lhe aquella «pose» de mestre, que tinha tanto de comico quanto de semelhante ao heroe manchego...

Si encontrou nesse meu ingenuo procedimento alguma cousa que pudesse melindral-o desde já declaro que não tive essa intenção e estou prompto a murmurar a «mea culpa».

Com a perspicacia de quem está habituado a investigar os adytos do coração humano, descobriu V. que eu zangara-me com o seu primeiro «bilhete». Não ha tal, e, si zanga ha nesta questão, não é de certo de minha parte.

Sou-lhe muito grato pela sympathia que me vota e que diz ter sido o movel de suas palavras. Acredito muito na sua sinceridade e affirmo-lhe que, si não fóra a consideração que merece-me a sua sympathica individualidade, não teria lançado mão da penna para e-crever aquella resposta, porque entendo que nem eu lucrava em dal-a, nem V. perdia em deixar de recebê-la. Sou o primeiro a lamentar esses attritos, inevitaveis em discussões como esta, que não provoquei, é verdade, mas a que não tinha o direito de recuar. Si V. faz alarde da sua delicadeza, eu, por minha vez, não receio que me apontem nenhuma incivilidade e provoço o mesmo a declinar uma só «diatribe» que eu por ventura tenha-lhe assacado.

Por mais que procure tomar a serio a discussão, de vez em vez descubro um pedacinho que me dá no goto.

Neste caso está a sua romaria ao Templo Eburneo da Arte. Querendo d'uma cajadada trocar-me e dar-me licções de cortezia (que eu rejeito) extranha V. que eu conserve o chapéo na cabeça ao ficar a porta do Templo—«porque á porta d'uma igreja o logar do chapéo não é na cabeça...»

Hein?! Que historia de igreja é essa? Então o Templo Eburneo da Arte já é talvez a igreja de S. Benedicto ou a do Amparo?!

Não pude deixar de admirar a «facilidade» com que V. sahiu-se d'aquella entalada de escola poetica. A minha admiração, porem, não teve limites quando vi-o, n'um assomo de mal disfarçada modestia dizer que é «simple dilettante da rima!» «C'est trop fort! Olhe que a modestia em excesso—pode de gerar em molestia.

Já deve ter notado que eu vou procurando restringir-me o quanto possivel e que só incidentalmente vou tocando nos pontos principaes do seu «bilhete». E' que estou vendendo o seu terrivel «ne quid nimis», como a espada de Damocles, prestes a rolar sobre minha cabeça. Por isso, em poucas palavras vou externar-me, com a franqueza que me caracteriza, sobre a decantada e mil vezes repisada questão de escola poetica. Como sabe, somos cidadãos livres e habitamos um dos mais livres paizes da livre America. Segundo a nossa liberrima Constituição Federal, ninguém é obrigado a fazer ou a deixar de fazer uma cousa, senão em virtude da lei. Ora, não ha lei que obri-

gue-nos a seguir esta ou aquella escola, ergo podemos livremente abraçar a que nos convier. Quer mais clareza? Quanto ao interminavel Sahara de «words, no qual as pilherias pueris correm parelha com as doutrinações capciosas, nada tenho a acrescentar ao que já disse em meu artigo anterior. Apenas digo-lhe que não pude reprimir uma estrepitosa gargalhada ao ler as «gracinhas espirituosas» com que V. procurou ridicularisar o que eu dissera relativamente a transcripção que fez o «Federalista» d'uma poesia minha. Lembrei-me do pedaço d'um discurso alambicado que ouvi n'uma serenata de estudantes:—«Aquellas palavras só deviam ser proferidas no senado romano, perante o «Rei dos Estranguladores», e immortalizadas pelos rachadores de lenha da Suecia, nas paginas da litteratura constantinopolitana!»

Volto ainda á questão dos versos agudos e graves. Ao considerar os termos pouco respeitosos em que V. fala dos mestres; convenço-me ainda mais que andei bem avisado—rejeitando o seu honroso convite. E' que ao receber o «desconfiei» que aquella perigrinação visava fim anarchista e lenbrei-me do antigo rifão, seguro morreu de velho e desconfiado ainda hoje é vivo... O caso é que V. entrando no Templo da Arte julgou-se um Christo novo e como lá não encontrou vendilhões para expulsar, revoltou-se contra os pontifices, como Gonçalves Dias, Camillo Castello Branco etc. etc. Deixo, porem, esse procedimento ao juizo dos competentes e vou direito ao debate dos «agudos e graves». Lembre-se do seu compromisso e prepare-se para dar a mão ao bolo. Abramos os «Sonetos e Rimas» do principe dos sonetistas, o saudoso Guimarães Junior.

A' pagina 64 encontra-se o primoroso soneto «O Filho», cujos tercetos são assim:

«Mas Deus q' deu á entranha Maria
O Redemptor dos homens, Deus
Uma esmola:—Deus fel-os pais um

E ambos beijando ao filho os niveos
Pela primeira vez ella sorria,
E elle chorou—pela primeira vez.»

A' pagina 88 o bellissimo soneto «As vozes da noite» tem os seguintes tercetos:

«E a noite ia passando... A lua apai-
Apaixonada como o olhar, do Gua-
Afastou a sorrir a nuvem estrellada...
E nesse instante ouvi—distincta-
Suspirar em minha alma, extatica e
A ballada immortat da languida

São ainda do soneto «As duas forças» (pagina 108) os seguintes tercetos:

«—Jupiter! dai-me a guerra, a tem-
E de um só golpe eu vencerei por
Dai-me, oh Senhor, a paz, a liber-

E Abel n'um beijo vencerá Caim»
Abaixaram então da immencidade;
Uma pousou em França—outra em

Esses exemplos são muito frequentes nos «Sonetos e Rimas», mas, para não extender-me em longas citações e para deixar logar a outros poetas, limito-me a indicar os sonetos «Franco de Sá» (pag. 119) «Aureliano Lessa» (pag. 172) «Eva» (pag. 131) «Inverno» (pag. 174) «O cysne» (pag. 191) em todos os quaes nota-se a falta que V. considera a «mancha original».

Olhe que esses sonetos não foram encontrados no «Almanak do Rio Grande do Sul» e Guimarães Junior não é nenhum decadente. Vou citar-lhe agora o soneto «O primeiro amor», de Rodrigues de Carvalho, o qual é todo alternado de versos agudos e graves. Eil-o:

«Imaginae a doce nebulosa
Feita de leite e gottas de luar...
Sonhae um mar de luz a marulhar,
Beijando a quilha de um batel de rosa
Segui no templo a tepida voluta,
Come o halito da crença espiralando
Imaginae no azul, leve, adejando,
Uma pomba do céu, nivea, impolluta.

Idealisae um safaro deserto,
Onde o silencio eternamente habita,
Depois tornado em Paraíso aberto...
Pensae na rocha transformada em

Eis como, emfim, o coração palpita
Nossonhos todos do primeiro amor.»

Henrique de Magalhães, no soneto «Cielo e Mar» publicado n'«O Debate» de 30 de maio deste anno, escreveu os seguintes tercetos:

«Se tem o Mar coraes e nenuphares,
Que estrellas tem o Céu e que ex-
Penso muito e não sei, por mais
Se deva ser devoto ou pescador:
—Dos olhos de Beatriz se desça aos
Se suba aos céos dos olhos de Seo-

Nosoneto «Mãe», do distincto poeta fluminense Eugenio Savard, lêem-se estes tercetos:

«Ah! desde aquelle atroz ultimo
Vives em mim!... No emtanto me
Sempre essa imagem—morta aos
Dorme serena, ô alma pura e boa,
O fundo somno eterno aos pés de

Mas uma vez ainda me abenço!»

Do soneto «Idyllio», de Anthero do Quental, o festejado poeta da «Paqueta», são os seguintes tercetos:

«Quantas vezes de subito emmude-
Não sei que luzno teu olhar fluctua,
Sinto tremer-te a mão e empallideces.
O vento e o mar murmuram orações,
E a poesia das cousas se insinura,
Lenta e amorosa, em nossos cora-
ções.»

São ainda do soneto «Mãe» do mesmo poeta, estes tercetos:

«Eu dava o meu orgulho de homem,
Minha esteril sciencia, sem receio,
E em debil criancinha me tornava,
Descuidada, feliz, docil tambem,
Se eu pudesse dormir sobre o teu

Vou citar, por fim, os tercetos do incomparavel soneto «Aspirações», de Jesé Bonifacio que, apesar de «velho», pode dar lições a qualquer «novo». Eil-os:

«Lá, fico aragem, folha, passarinho,
Lá, me transforma em echo a solidão,
E a natureza inteira abre-me o ninho,
O' Deus de amor, o' Deus da Crea-
ção,

Prende minha alma aos musgos do
 (caminho, Derrete-me no espaço o coração !...
 Exemplos eguaes encontram-se ainda nos sonetos «A fé» e «Lendo Camões», do referido poeta. Julgo ter apontado mais do que era preciso para convencer qualquer «impenitente», mas creio que perdi o tempo, porque já estou esperando que V. desconheça a auctoridade de todos os poetas que venho de citar. O processo é facilimo e bem vê que, si eu appellar exclusivamente. Acima de Napoleão Bonaparte ainda havia Deus tão somente, mas acima de V. creio que não admitte ninguém. A natureza humana está eivada de todos esses caprichos e ambições. Si conhecer a revista «Os Revoltosos», ha de lembrar-se d'aquella flatulenta que morria de faniquitos—desejando que o marido fosse prisioneiro politico. E' ainda a natureza humana.

Causa tedio a pertinacia com que insiste nos imaginarios erros de metrica. Vê-se que já está pela honra da firma, mas não quer dar o braço a torcer. Que V. é homem de recursos—não me resta a menor duvida, e, quando outras provas não bastem, ahí está a habilidade com que sophismou a contagem dos versos que citei.

Aquella sua medida com certeza é de borracha, porque dilata-se e contrae-se á sua vontade. Meu caro dr. Abdias, conhece o—«chama, antes que te chamem?»

Pois foi o que succedeu lhe. Emfim, dou de barato que V. tenha razão quanto á primeira poesia («Lenda Civil») mas quanto á segunda («Em nome d'uma pernambucana») dêu um verdadeiro couce (empreste-me a amabilidade).

Segundo a sua doutrina, o verbo «é» não forma hiato, nem admitte liame com a syllaba seguinte. A prevalecer essa opinião, estará errado o seguinte verso da ultima poesia que ha p... citei:

«E' o sol que levanta-se, é nada, ninguém».

Na poesia «Ainda Libia Drog», escripta em heroicos, ha estes versos:

«E' o mesmo abalo que um escravo sente
 Ao receber um beijo da senhora...»

Quantas syllabas tem o primeiro desses versos? Terá errado o Grande Mestre? Falando em poetas de nota, pen sei que bastava o nome unico de Tobias Barreto, que é para a mocidade academica do Recife o que Floriano Peixoto é para a mocidade das escolas militares. Enganei-me, porem, e como tenho interesse em satisfazel-o, vou recorrer a outros poetas. Nas «Espumas Flutuantes» os exemplos são frequentissimos. Na poesia «O Fantasma e a Canção», escripta em versos de sete syllabas, encontram-se estes:

«Entra! O verso—é uma pousada
 Aos reis que perdidos vão.
 A estrophe—é a purpura extrema,

Ultimo throno—é o poema!
 Ultimo asylo—a canção!...

Nos «Sonetos e Rimas» ha muitos casos identicos, dos quaes citarei apenas dois. O primeiro verso do soneto «Bruno Seabra», todo escripto em heroicos, é assim concebido:

No soneto «A carta» o segundo quarteto começa assim:
 «E' um mimo ler-te! E tu não comprehendeste».

Será preciso dizer mais—para provar que o meu verso não está errado? Confesse que não. Errar é da humanidade, mas insistir no erro... «dicat magister».

Vou concluir, declarando que não posso conformar-me com que fez V. das syllabas do meu alexandrino. Aquillo não é contagem, é uma «conta de chegar», contra a qual eu protesto. Por aquelle systema o «mal» lhe chegará em casa e não escaparão nem os alexandrinos do inimitavel Guerra Junqueiro. Alto lá! Nem com tanta fome ao doce, nem com tanta sede ao pote. Veja como contam os mestres, inclusive o que ha pouco citei:—Fu (1) gi (2) a a (3) mi (4) nha es (5) trel (6) la o (7) as (8) tro (9) meu (10) sau (11) do (12). A ultima syllaba é muda—concordo). Em ultima analyse, o alexandrino compõe-se de dois versos de seis syllabas, como poderá verificar no caso vertente:

«Fugia a minha estrella,
 O astro meu saudoso».

Mais claro do que isso—nem o sol do equador.

E' proposito meu conservar-me na defensiva, mas como estamos com a maça na mão, digo os alexandrinos, ousou perguntar-lhe, muito despretenciosamente, si o segundo verso do seu soneto «Escola Antiga» não é um principio de revolta contra o despotismo da metrica, ou algum caso de teratologia poetica? Transcrevo-o:

«Eu sei que és vil e infame, Cleopatra boçal».

Ensinam os mestres que si o primeiro hemistichio é grave, isto é, si termina por palavra que tenha o accento na penultima syllaba, deve acabar em vogal e em vogal deve tambem começar a primeira palavra do hemistichio seguinte. Por esta forma dá-se a elisão das vogaes e as duas syllabas ficam representando uma só. A inobservancia dessa regra dá em resultado—«alexandrinos coxos», como o que venho de citar.

Emfim, V. é mestre «sans peur et sans reproche» e eu desejo muito ver explicado aquelle phenomeno, que faz lembrar os versos que encommendava o tio da Morgadinha de Valflor...

Aqui fico por hoje, «Time is money».

Disponha francamente do seu amigo e creado

VALDIVINO TITO.

MADONA

AO DR. ABDIAS NEVES.

*Eil-a: galhardamente o passo alterna
 N'um rythmo encantador de garça branca,
 Evocando no andar, nas curvas da anca,
 Nossa Senhora da Belleza eterna.*

*Dos seus labios de fogo o amor governa
 Todo o universo, cuja treva espanca;
 Uma alegria sã, ingenua e franca,
 Pulsa na fita que lhe enrosca a perna.*

*E assim vai dominando sobranceira
 Com o seu olhar a multidão captiva
 Ao contemplar-lhe a fronte prazenteira.*

*Renda-se um culto á peregrina diva!
 Quem não quizera ver-lhe a fôrma inteira,
 Té a fonte da vida sempre esquiva?*

3 de Dezembro 98.

H. CUNHA.



NÃO FAZER, FAZENDO

*Certa moça pediu-me que fizesse
 por amizade a ella um bom soneto,
 mas eu em tal rascada não me metto
 pois fazel-o não sei, se assim quizesse.*

*Se o tal soneto, emfim, sempre lhe desse,
 já tinha para isso um bom quarteto
 porem, eu acabal-o não prometto,
 porque talvez que geito não tivesse.*

*De sorte que me vejo atrapalhado
 sem saber que desculpa lhe darei
 por não ter o soneto improvisado...*

*Esta agora é melhor; o que farei?
 O soneto já está principiado,
 mas, como acabarei? Ah! já acabei!*

Therezina.

F. DE S.

PARA DISTRAHIR

Logogriphos

I
 (Sobre o 12 de Novembro)
 13, 7, 10, 9, 17, 1
 8, 11, 14, 2, 8, 0
 9, 5, 15, 18 6
Mulheres: 1, 3, 1, 17, 11
 7, 8, 12, 16, 5
 4, 6, 18, 5
 20, 19, 13

Conceito
 «Rainha pela belleza
 Rainha pela virtude

 Por isso muit'alma afflicta,
 Sorrindo na desventura,
 Em n'a vendo assomar, grita:
 —Oh! bemdita Formusura
 De corpo e alma!... Bemdita!..»
 Th. Dalbret.

II—(Ao Zé tabes)
 Appellido de homem— 1, 2, 1, 2
 E outro de mulher— 4, 3, 4, 2
 Se mais outro queres— 1, 3, 1, 3
 Depressa has de ver.
 Mais outro appellido
 Ainda te dou— 4, 5, 4 5
 Já basta: bem sei
 Qu'o amigo cançou.
 (Decapitada—A Zélopes) o por
 seu....foi visto....céo.
 Th. Dalbret.

Conceito.
 Procura, Zé ta Bes,
 O nó da meada:

E' nome querido
 De tua namorada.
 S. Baptista.
Charadas (Novissimas)
 (Ao luar) Na grammatica ha um ad-
 verbio de tempo=1, 2.
 Barbaroxa.
 Joga-se na parede esta pedra—1, 1
 X. P. T. O.
 (Ao Zé firmino) No carcere ha uma
 furna sem porta—1, 2.
 Garibaldi.
 (Ao Ar. Madra) A minha amiga me
 disse: estime esta senhora, que é
 poetisa notavel—3, 2, 2.
 Fran Portel.

(Risada) Vaso
 —tu—
 Sacco.
 Ar. Madra.
Enigma
 (Ao Ar. Madra) Qual é o homem
 muito bom?—3.
 Anax

(A. S. Baptista) Qual é o homem
 sympathisado por todos?
 Aladdin.

Decifrações
 Alice, Saldanha da Gama, Barra-
 ca, Ducatão, Resedás, Xamate, Co-
 ralina, Onix, Amago, e Cerio.

Deciframos
 S. B., Barbaroxa, Garibal, e Por-
 tel—7; Ar. Madra, X. P. T. O.,
 Aladdin e Anax—5.

Um premio
 será entregue a quem primeiro en-
 viar a decifração do logogripho 1
 Th. Dalbret

Aqui, alli e alem

Uma miseria da Intendencia

Quando traçamos em a nossa ultima edição a pequenina local subordinada á epigrapha acima, longe estavamos de supor que fosse ella molestar alheias susceptibilidades, ferir melindres de quem quer que seja.

Por isso foi que, surpresos, vimos no illustrado confrade «Piahy» de 7 ultimo as duas respostas á nossa referida e mal comprehendida local, uma da propria redacção do jornal a que nos referimos e outra do estimavel sr. tenente-coronel Manoel da Paz.

Deixariamos passar o incidente, dando-o por findo, si não fosse a necessidade de algumas observações que julgamos necessario fazer, a proposito mesmo das duas replicas que nos occupam.

Somos o primeiro a conhecer que um pouco dura foi a linguagem que usamos, mas assim mesmo individualmente não offendemos ninguem; tratando da corporação municipal, não destacamos um dos seus membros sequer. E' exacto que ha uma referencia ao illustre sr. Intendente do municipio, mas nesta referencia não há uma palavra, um só termo sequer que de leve ao menos podesse offendel-o, caso os vocabulos vernaculos não tenham perdido sua significação logica.

Temos bastante educação e vivemos em um meio civilisado para sabermos respeitar os sentimentos alheios, primeira condição ao respeito dos nossos.

Não tínhamos como não temos ao sr. Intendente a menor prevençào, a ponto de, como affirma o notavel collega, querermos expol-o a animadversão publica.

Pelo contrario, si o collega tiver acompanhado todo o curso de nosso periodico, ha de convir que sempre o temos tratado com a cortezia e a delicadeza a que todos nos obrigamos mutuamente.

Si fomos rispido, como parece ao collega e nós com isso concordamos, com o Conselho municipal, foi simplesmente porque este andou incoherente—desmanchando com os pés o que fez com as mãos, cousa impropria de uma corporação que representa um grande poder do Estado. Não cremos que o collega falle de coração quando defendeu o Conselho municipal das acusações que fizemos. Todos sabem aqui, e o collega mais do que ninguem, o que vale este Conselho, o que elle representa.

Na propria questão de Fausta, o collega vai encontrar a prova provada da relapsia que reina por aquellas bandas. E' assim que entregando aquella pobre mulher a sua petição reclamando os seus direitos, em agosto, si não nos falha a memoria, só em novembro findo o Conselho pôde fazer numero para tratar do assumpto alias de summa magnitude.

E' isto decente e compatível com a dignidade de uma corporação seria?

Parece-nos que não.

Ainda mais, depois da longa demora de tres mezes que foi o tempo que levou elle sem funcionar, defendendo a petição, não teve força sufficiente para fazer prevalecer a sua decisão o que quer dizer, lavrou sua formal sentença de nullidade, ou antes suicidou-se.

Vê o collega que não somos injustos, ao revez andamos com inteira justiça procedendo como procedemos e nos preferimos, em qualquer hypothese a verdade que punge á mentira que agrada.

Da mesma forma não fomos injustos com a Intendencia.

O illustre collega sabe o que temos feito destas columnas, as reclamações constantes que fazemos em prol da limpeza de nossa capital, e q' melhoramento ja tivemos? Já foi tomada uma só em consideração.

Não bradamos diariamente contra o lixo que entulha as ruas de Therezina, e o lixo não continúa a entulhal-a?

Não pedimos diariamente que reforme-se o pessimo serviço da illuminação, e a illuminação não con-

tinúa sempre peor? Não fallamos diariamente contra o serviço da passagem publica e este serviço não continúa da mesma forma, pessimo e arriscado?

Vê pois o collega que temos razão e o publico que não é nenhuma aggravação de palpavos nol-a-dará.

Agora duas palavras ao nebuloso e sybellino—aqui somente—do coronel Paz. S. S. coronel, permitta que sinceramente lhe digamos, perdeu uma boa occasião de ficar calado.

A não ser por uma ardepte febre de exhibição jornalística, não podemos explicar o motivo porque S. S. veio a campo, de metro em riste.

Occupando-nos do Conselho municipal em geral, não havia razão para que S. S. viesse a publico sob sua firma, individualmente. S. S. sabemos, é conselheiro e muito prezase em sel-o, mas não é mais bonito dos que os outros, nem mais cioso de seus deveres e de suas obrigações. A sua resposta alem de desasturada foi sobretudo inopportuna.

Não somos responsaveis, pelo menos quem escreve estas linhas, pela falta de illustração de S. S.

Si não a tem, como modestamente confessa, culpa não é nossa e não é isto motivo para invejar-se a alheio.

Nós sabiamos, como confessamos acima, que S. S. era conselheiro do Conselho municipal mas ignorávamos que este Conselho fosse um *chiquero*. S. S. veio dizer-nos.

Ha uma cousa mais difficil do que desempenhar-se bem um cargo a contento de todos—é conformar-se a algum com verdades que não agradam.

Queixas sertanejas.

Damos o titulo acima á presente local, parte d'uma carta que nos foi dirigida por um abastado fazendeiro de Jeromenha que faz judiciosas considerações sobre duas momentosas questões fiscaes.

«Neste municipio, como quasi em todos os outros, temos soffrido grande injustiça nos lançamentos, não tanto pelos collectores, como pela junta administrativa que tem reformado os lançamentos, sem reclamação das partes, elevando os valores alem do preço corrente, contra expressa disposição da lei, que manda avaliar pelo medio do preço corrente, isto depois de expirado o prazo para o fazendeiro interpor o seu recurso.

No lançamento que actualmente se está cobrando, foram elevados: os valores dos garrotes para 19\$000 e dos poldros para 30\$, quando o maximo do valor corrente, foi de 15\$000 para aquelles e 20\$000 para estes. Fiz ver esta grande injustiça ao proprio secretario da fazenda, que depois de informar-se do facto, disse-me que era exacto, mas que fora devido a um equivo-co, por distração de um empregado, que em lugar de botar aquelles valores em outro municipio, lançou neste Mas onde ha equívoco desfaz-se elle.

Por exemplo, si tivesse havido o engano ao contrario do que se deu, isto é, se em lugar de augmentar os valores tivesse diminuido, por certo desfazia-se o engano; não é assim?

A secca por aqui é horrivel, o povo vive exclusivamente da caça, macambira, gravatá e macunã, emmigra diaramente. Reuna tudo isto ao regis-

tro de terras com o monstrosuoso regimento de custas, como poderão obter formal de partilhas de que nunca cogitaram. A maior parte da pobreza por certo não registra terras. Creio que este serviço por aqui, não começou ainda, pois, ignoro quem sejam os encarregados delle e um que ouvi dizer que fôra indicado para escrivão, até a poucos dias não estava na cidade, andava fazendo compra de legumes fóra do municipio».

Dr. Elias Martins.

No trem do dia 5 ultimo regressou a esta capital, do Engenho d'agua onde alguns dias estivera o notavel piauihyense cuja nome epigrapha estas linhas e que é um dos mais dignos representantes do povo piauihyense no Congresso Federal.

Na estação fronteira da villa das Flores aguardava sua chegada selecto cortejo de amigos e admiradores que acompanharam-no até a casa de sua residencia, prova de alto apreço e consideração, devotada a um dos mais estrenuos e principaes factores do engrandecimento do nosso Estado e um dos mais impetuosos batalhadores em prol de nossas liberdades.

Nós, jubilosos pela sua chegada, apresentamos-lhe nossas cordiaes felicitações no duplo character de homem representativo e de intemerato jornalista.

Jury

Começaram hontem os trabalhos do jury, da ultima sessão deste anno.

Festa de Santa Luzia

Tem continuado sempre animados e com muita ordem os festejos particulares em casa do capitão João Costa em honrã á gloriosa Virgem Padroeira dos olhos.

Os noitarios têm-se esforçado o quanto podem para o brilhantismo da festa que tocou ao seu apogeu em a noite de 9 do corrente, cujos mordomos foram o nosso collega dr. Laudelino Baptista, Juca Carvalho, e as exms. *demoiselles* Constança Sant'Anna, Rachel Carvalho, Evangelina Rios, Sinhá Baptista e Dedé Rios.

Novos bachareis

Receberam o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes os nossos distinctos patricios Heitor Castello Branco, Manoel Abreu, Helvidio Martins e Miguel Rosa. A todos, assim como as suas exms. familias cumprimos.

Musicas novas.

Os distinctos maestros Pedro Alcantara Filho e Pedro Nunes offereceram ao nosso collega dr. Laudelino Baptista, a 9 do corrente, o primeiro uma lindissima e graciosa walsa e o segundo uma saltitante Schotsch que tem de causar furor nos salões.

ANNUNCIOS

Em sessão da Assembléa Geral desta sociedade, o sr. presidente deferindo um requerimento do socio João da Cruz Monteiro, mandou que fosse convocada a casa para em 11 do corrente no lugar do costume se reunir.

Com esta publicação satisfaz a determinação legal. Secretaria da Harmonia em 1.º de Dezembro de 1898. O 1.º Secretario.

Pedro Valeriano de Moraes.

José Pereira Lopes & C.ª rogam encarecidamente aos seus devedores o especial obsequio de mandarem saldar suas contas vencidas. Therezina, 10 de Dezembro de 1898.

CASAS Á VENDA

O abaixo assignado tem para vender as seguintes casas:

A de numero 16, á rua da Gloria, defronte do sr capitão Benjamim Martins.

A de numero 28, á rua Grande, defronte do Hotel Moura.

A de numero 11, á rua Bella, mistica á do sr. Briolange Ribeiro.

Quem pretendel-as poderá se entender com o mesmo abaixo assignado.

Therezina, 25 de Novembro de 1898.

Emilio Burlauaque.

FUMO RIO NOVO

Receberam Leocadio Santos, Irmão & C.ª

AULA PARTICULAR

A abaixo assignada propõe-se a ensinar grammitica franceza, segundo o methodo do Lyceu desta cidade, ás meninas que quizerem aprendel-a, na casa de sua residencia, avenida Frei Serafim, das 8 às 10 da manhã.

Therezina, 9 de Dezembro de 1898.

Corina da Paz.